

**METODO-
LOGIAS:
CAMINHOS
DA NOSSA
ASSESSORIA**

Neste livro estão documentadas algumas das metodologias que foram e estão sendo aplicadas junto aos moradores da Ocupação Quilombo Guerreira Dandara no processo da assessoria e assistência técnica que temos desenvolvido desde julho de 2021. A iniciativa para a construção deste livro partiu em resposta à disciplina de Metodologias e Técnicas para Projetos Participativos da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em que estamos inseridos. Esta disciplina busca dar subsídios de conceitos e ações para o trabalho participativo apropriado na realidade dos territórios, para a produção de conhecimento e desdobramentos para diagnósticos técnico-participativos.

As metodologias que estão descritas neste livro são: Drone, Roda, Cafezinho (World Café), Mutirão, Pesquisa-Ação, Método Cartográfico e Cartografia Social. Dentre elas, a Roda e o Cafezinho são consideradas Metodologias Integrativas (MI). Segundo Valéria Giannella (2013), as MI são as “abordagens, técnicas e métodos, norteados pela busca de uma recomposição entre as partes cindidas do ser humano. A mente se incorporando, a racionalidade tornando-se sensível, a ciência subjetivando-se, o método abrindo-se para a intuição e a criatividade etc.”¹.

¹ GIANELLA, Valéria. MACHADO, Viviana. TAVARES, Edgilson. As Metodologias Integrativas como caminho na ampliação da esfera pública. 2013. pg 1-18.

Ao utilizar das metodologias integrativas com os moradores do quilombo, nosso maior objetivo foi o de criar um ambiente em que todos se sentissem confortáveis para se expressarem e serem compreendidos.

A apresentação de cada metodologia está estruturada em formato de uma ficha que contempla o nome da atividade (identificação), duração (tempo da atividade), materiais necessários (utilizados no momento da atividade), objetivos (propósito da atividade), introdução (breve explicação teórica sobre a metodologia, ferramenta), descrição da atividade (processo), comentários (reflexões e impressões), fotos (registros das atividades) e referências.

Os processos metodológicos escolhidos buscam identificar as demandas individuais e coletivas dos moradores e os desafios e potencialidades do contexto em que estão inseridos. E, conseqüentemente, indicam as justificativas para as propostas que estão sendo desenvolvidas e apresentadas no território.

DRONE

DURAÇÃO: 1H.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:
• DRONE

OBJETIVOS

- CRIAR UMA BASE DE DADOS PARA AUXILIAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS CARTOGRAFIAS JUNTO À OCUPAÇÃO;
- REGISTRAR EM FOTOS E VÍDEOS O MOMENTO PRESENTE DA OCUPAÇÃO.

INTRODUÇÃO

O veículo aéreo não tripulado, popularmente conhecido como drone, é definido pelo Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA)² como qualquer tipo de aeronave que pode ser controlada nos três eixos sem precisar de um piloto a bordo para ser guiada. Desde que foi utilizado pela primeira vez para fins militares no século 19, o drone se popularizou e hoje é possível encontrá-lo em diversos tamanhos e formatos para fazer levantamentos de fotos, vídeos e outras funções no campo da agricultura. Na Ocupação Quilombo Guerreira Dandara, usamos o drone para fazer fotos e vídeos que nos auxiliaram no processo de desenvolvimento das cartografias e que apresentaram a ocupação de uma forma diferente para os seus moradores, vista por cima.

² O Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA) é a organização responsável pelo controle do espaço aéreo brasileiro, provedora dos serviços de navegação aérea que viabilizam os voos e a ordenação dos fluxos de tráfego aéreo do país. Disponível em: www.decea.mil.br/?i=quem-somos&p=o-decea. Acessado em: 27/10/2021.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

ETAPA 1 - PEDIR AUTORIZAÇÃO AOS MORADORES

Na visita que antecedeu ao dia do voo, pedimos a autorização dos moradores para subir com o drone e explicamos que o material gerado seria utilizado nas atividades que estávamos programando para fazer com eles nas semanas seguintes.

ETAPA 3 - DEFINIR COMO E PARA QUE SERÁ USADO O MATERIAL CAPTADO PELO DRONE

É interessante que a definição de como e para que serão utilizados as fotos e vídeos captados pelo drone seja feita de forma prévia ao dia do voo para que o piloto do drone tenha um direcionamento de como deve captar as imagens. No nosso caso, o direcionamento era para que tivéssemos fotos o mais ortogonais possíveis de todo o limite da ocupação para que usássemos na produção das cartografias, além de outros registros em perspectiva de fotos e vídeos.

ETAPA 2 - PROCURAR UM PROFISSIONAL HABILITADO OU PESSOA EXPERIENTE

Com a autorização dos moradores confirmada, prosseguimos o contato com um profissional habilitado para pilotar o drone, que no nosso caso foi o Danilo Sena. Ele solicitou a permissão para voar no endereço da ocupação (bairro de Cassange) e com a permissão confirmada foi agendada a atividade.

ETAPA 4 - VOO COM O DRONE E CAPTAÇÃO DAS FOTOS E VÍDEOS

O voo com o drone foi feito por Danilo no dia 15/08/2021 por volta das 12h, horário propício para captação das imagens por gerar pouca sombra.



FIGURA1: NATHY OBSERVANDO O DRONE NO CÉU
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).

COMENTÁRIOS

Apesar de parecer uma atividade que Danilo desenvolveria sozinho, os moradores e também coordenadores da ocupação Cláudia e Júlio se empenharam junto a ele para definir os limites do terreno da ocupação através das imagens aéreas geradas pelo drone, pois havia trechos em que esses limites eram mais difíceis de serem definidos devido à grande quantidade de vegetação de alto porte.

O drone também chamou bastante atenção das crianças da ocupação, que olharam curiosas todo o processo de levantamento do voo, fotografia e vídeo feitos pela aeronave.

O material gráfico gerado pelo drone serviu como base para todas as atividades de desenvolvimento das cartografias que nós fizemos com os moradores da ocupação³.

REFERÊNCIAS:

Veículo aéreo não tripulado. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ve%C3%ADculo_a%C3%A9reo_n%C3%A3o_tripulado#\(VANT,guiada%20\(DECEA%2C%202010\)\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ve%C3%ADculo_a%C3%A9reo_n%C3%A3o_tripulado#(VANT,guiada%20(DECEA%2C%202010))). Acessado em: 27/10/21.

FIGURA2: CLAUDIA AUXILIANDO DANILO A DESCOBRIR OS LIMITES DO TERRENO DE DANDARA.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



³ O caderno DANDARA NO MAPA aprofunda os assuntos aqui tratados.

RODA

DURAÇÃO: VARIÁVEL CONFORME A ATIVIDADE DESENVOLVIDA EM RODA.

OBJETIVOS

- PROPORCIONAR UM AMBIENTE QUE SEJA CONFORTÁVEL E SEGURO PARA QUE TODAS AS PESSOAS ENVOLVIDAS POSSAM PARTICIPAR OU SE PRONUNCIAR SOBRE A ATIVIDADE DESENVOLVIDA;
- CONTRIBUIR COM UMA CONVERSAÇÃO IGUAL, SEM HIERARQUIAS ESTABELECIDAS NO ESPAÇO.

INTRODUÇÃO

A roda representa um lugar onde o diálogo é bem vindo e todos podem se colocar de forma igual, sem hierarquias. Essa condição incentiva a autonomia dos participantes e contribui para uma troca mais rica entre as partes. No caderno Práticas integrativas da Carta da Terra em Ação, aprendemos que

Quando estamos em círculo, estamos todos equidistantes do centro; todos podem se ver e estar juntos de um modo cooperativo; pela tradição indígena brasileira (aprendizado através de vivências com Kaká Werá Jecupé [sic] www.kakawera.org) quando se forma um círculo, imediatamente surge no centro uma fogueira energética (o fogo pode representar a luz/consciência, pode aquecer o coração e o corpo, tem o poder de transformar aquilo que não nos serve mais). (BASSY, GOMES, MONTENEGRO, ROSA, SALOMÃO, 2014, p. 8).

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE | COMENTÁRIOS

No decorrer das atividades que realizamos com os moradores da Ocupação Guerreira Dandara, a roda sempre foi o nosso ponto de partida. Fizemos rodas de diálogos para conversar com os moradores sobre as atividades que estávamos pensando em propor para desenvolvermos juntos, fizemos rodas ao executar essas atividades e fizemos rodas para confraternizar e nos conhecer melhor. Todo esse processo aconteceu de forma natural e fluida, não havendo, na maioria das vezes, a necessidade de solicitar que os moradores se organizassem em círculos. Além disso, fomos convidados para participar de rodas promovidas pelos moradores da ocupação. Participamos de rodas de capoeira, rodas de samba e mais rodas de conversa. Esses encontros foram fundamentais para o desenvolvimento da nossa relação com os moradores da ocupação, que foi potencializada a cada roda.

REFERÊNCIAS:

BASSY, Suley Feldman; GOMES, Estela Maria G. Pereira; MONTENEGRO, Maricy Elizabeth; ROSA, Thereza Christina; SALOMÃO, Lia. **Práticas integrativas no Carta da Terra em ação**. UMAPAZ, 2014. 48 p.
Caderno Empírica / Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários/ UNICAMP – Campinas, SP: Instituto de Economia, 2009. 166 p.

FIGURA3: RODA. 3.1: RODA DE CAPOEIRA. 3.2: RODA PARA FAZER MAQUETES DO PARQUINHO. 3.2: RODA PARA CARTOGRAFIA SOCIAL. FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



CAFÉ- ZINHO

[WORLD CAFÉ]

DURAÇÃO: VARIÁVEL, DE 30 A 40 MINUTOS (EM MÉDIA), CONFORME O TEMPO NECESSÁRIO PARA REUNIR E INTERAGIR.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- LANCHES [ALIMENTOS E BEBIDAS]
- MESA

OBJETIVOS

- PROMOVER DIÁLOGOS CONSTRUTIVOS, ACESSAR INTELIGÊNCIA COLETIVA, AUMENTAR A CAPACIDADE COLETIVA DE CRIAR E TROCAR CONHECIMENTO;
- ESTIMULAR A CONTRIBUIÇÃO DE TODOS;
- CONECTAR PERSPECTIVAS DIVERSIFICADAS;
- ESCUTAR AS IDEIAS E COMPARTILHAR AS DESCOBERTAS.

FIGURA 4: CAFÉ DA TARDE ENTRE AS ATIVIDADES DE CARTOGRAFIA
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



INTRODUÇÃO

O método foi criado em 1995 quase que por acaso por Juanita Brown e David Isaacs, descrito no livro: *O World Café: Dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas*. Assim surgiu o cenário para realização do World Café, ambientado com mesas para quatro a cinco pessoas, preferencialmente redondas, lembrando as mesinhas de uma Casa de Café. Em cima de cada mesa um toque especial com flores, canetas e lápis para desenho, e toalha de papel que sirva para as anotações do grupo.

Café Diálogo, apresentado pelo World Café, é um método de fácil utilização para a criação de uma rede viva de diálogo colaborativo desde perguntas relevantes a serviço de assuntos reais do dia a dia, sejam da vida ou do trabalho. Nos negócios, os Cafés têm sido chamados de várias maneiras para satisfazer metas específicas: Cafés Criativos, Cafés do Conhecimento, Cafés da Estratégia, Cafés da Liderança, Cafés de Marketing e Cafés de Desenvolvimento de Produto são alguns desses nomes. A maioria das conversas de Cafés é baseada nos princípios e formatos desenvolvidos pelo The World Café.

O Café é construído sobre a suposição de que as pessoas já possuem dentro delas a sabedoria e criatividade para confrontar até mesmo os desafios mais difíceis. Dado o contexto e foco adequado, é possível acessar e usar este conhecimento mais profundo sobre o que é mais relevante.

As conversações no Café também são uma metáfora provocativa, nos possibilitando ver novas maneiras para fazer a diferença em nossas vidas e trabalho. Como Mettig (2016) cita, facilitam a geração de ambientes que favoreçam a escuta e a emergência da inteligência coletiva, as quais contribuem para a criação conjunta de conhecimento, projetos e ações.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

ETAPA 1 - CRIAR UM ESPAÇO HOSPITALEIRO, QUE SEJA SEGURO E CONVIDATIVO.

Nossas reuniões para o Cafezinho com o quilombo normalmente ocorreram no barracão, onde costumam acontecer as reuniões coletivas dos moradores. Dessa forma, o ambiente já era comum e confortável aos participantes.

ETAPA 3 - FAZER O CONVITE E PREPARAR UM AMBIENTE FÍSICO QUE CONTRIBUA PARA CRIAR UMA ATMOSFERA ACOLHEDORA.

ETAPA 5 - INCENTIVAR E ESTIMULAR O DIÁLOGO E A TROCA.

Durante o Cafezinho que muitas vezes ocorreu nos intervalos das atividades que estávamos desenvolvendo com o quilombo, diversos assuntos eram tratados. Esses momentos contribuíram para que conhecêssemos melhor os moradores e também suas opiniões a respeito do projeto que estávamos construindo juntos.

ETAPA 2 - ARTICULAR COM OS GRUPOS PARTICIPANTES COMO SERÁ PROVIDO O ALIMENTO.

Antes do Cafezinho, sempre combinamos com a líder comunitária, Sol Guerreira, o que nós podíamos levar e como o quilombo podia contribuir. Em geral, nós levávamos algum bolo ou biscoito e eles preparavam o café.

ETAPA 4 - ACOMODAR CONFORTAVELMENTE TODOS OS PARTICIPANTES NO ESPAÇO.



COMENTÁRIOS

Mesmo tendo uma certa previsibilidade, o sucesso da atividade do Cafezinho surpreendeu o grupo algumas vezes. Além de despertar a vontade de interação entre pessoas que, por ventura, não interagiriam em outro momento, se mostrou a atividade ideal para fazer o intervalo entre atividades mais cansativas sem dispersar o grupo.

O momento do Cafezinho na ocupação não busca a discussão sobre uma temática específica, mas busca a continuidade e o elo entre momentos importantes nos dias de reunião e das atividades, criando conexões não somente entre os técnicos (nós) e os moradores, mas também entre os próprios membros da comunidade.

Um processo participativo aparentemente simples que tem uma fenomenal capacidade de trabalhar a diversidade e complexidade no grupo, fazendo emergir a inteligência coletiva.

FIGURA 5: LIS NO CAFEZINHO DO MUTIRÃO
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).

REFERÊNCIAS:

CoCriar. **World Café**. Disponível em: https://cocriar.com/recursos/metodologias/world-cafe/#dearflip-df_4789/3/. Acesso em outubro de 2021.

World Café. Diretrizes do Café. The World Café Community. 2002.

BROWN, Juanita; ISAACS, David & WHEATLEY, Margaret. **O World Café: Dando forma ao nosso futuro por meio de conversações Significativas e Estratégicas**. Ed. Cultrix, 2007.

MUTIRÃO

DURAÇÃO: VARIÁVEL, NO NOSSO CASO, 2 A 3 DIAS

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- FERRAMENTAS E MATERIAIS (CADA MUTIRÃO TERÁ SUA ESPECIFICIDADE A DEPENDER DO QUE SERÁ EXECUTADO);
- LANCHES / REFEIÇÕES [ALIMENTOS E BEBIDAS];
- ITENS DE HIGIENE PESSOAL, PRIMEIROS SOCORROS E ESTRUTURA PARA O PERNOITE SE NECESSÁRIO.

OBJETIVOS

- CONSTRUÇÃO / DEMOLIÇÃO / LIMPEZA / PLANTIO / CUIDADO COLETIVO DE UM ESPAÇO;
- INTERAÇÃO CONTÍNUA COM MORADORES EM TORNO DE UMA MESMA META SOMANDO ESFORÇOS ATÉ A CONCLUSÃO DESTA;
- TROCA DE SABERES ENTRE PRÁTICAS COMUNS AOS MORADORES E OUTRAS PRÁTICAS TRAZIDAS POR GRUPOS EXTERNOS.

INTRODUÇÃO

A palavra mutirão tem origem no Tupi-Guarani e significa reunião de pessoas para fins de colheita ou construção (NAVARRO, 2005). A partir desse significado é possível presumir que essa prática não foi exclusiva dos Tupi-Guarani, assim como provavelmente foi essencial para o desenvolvimento das mais diversas culturas e sociedades. No campo da construção civil o mutirão se consolida como um formato acessível economicamente dada a eliminação do custo da mão de obra. Nesse sentido, para que seja viável é importante que o objetivo do mutirão seja um objetivo comum a todos os envolvidos e que os mesmos sintam-se confortáveis em doar sua força de trabalho em prol do resultado planejado.

O mutirão, enquanto esse espaço de trabalho coletivo organizado por autogestão, também cria oportunidade para levantar outras questões que podem ser trabalhadas em torno da prática. Uma dessas questões está na efetivação da própria vontade de todas as pessoas que trabalham no mutirão, diferente de um modelo com mão de obra contratada. Para Sérgio Ferro (2015, p. 21) “Ao vender sua força de trabalho, o operário abdica de sua vontade. É obrigado: não possui nenhum meio de produção, não tem como efetivar sua própria vontade. Obedecerá à vontade de quem comprou sua força de trabalho”. Experimentar o espaço do mutirão como esse espaço, onde a força de trabalho não foi comercializada é também experimentar outra forma possível de organização social a partir de outros paradigmas.

Outra questão está no fato do trabalho coletivo não só contemplar, mas necessitar da participação de todas as pessoas (homens, mulheres, jovens, adultos, etc). Nesse sentido, desde que pensado desta forma, o mutirão é também um espaço possível para não reproduzir estereótipos de gênero, para possibilitar o aprendizado dos menos experientes e também para experimentação de diversos tipos de saberes e suas trocas.

Na Ocupação Quilombo Guerreira Dandara formamos coletivamente alguns espaços de mutirão. O primeiro deles foi para construção de uma fossa ecológica do tipo Bacia de Evapotranspiração - BET/ Tanque de Evapotranspiração - TEVAP, partindo de uma proposta de Carol e Lis do Instituto Goethe. Também foi realizado um mutirão de limpeza de determinadas áreas coletivas da ocupação, com a perspectiva da implantação de uma horta comunitária, proposta pelo Grupo de Pesquisa Territórios, Hegemonia, Periferias e Ausências (UNEB). Por último, planejamos realizar um mutirão para construção de um parquinho infantil, proposto por nós da RAU+E.

FIGURA 6: MUTIRÃO DA FOSSA ECOLÓGICA
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



ETAPA 1 - CONVERSA PARA ALINHAR EXPECTATIVAS

Como primeira etapa da organização de todos os mutirões que organizamos com os moradores, fizemos uma conversa envolvendo todas as pessoas interessadas e disponíveis em contribuir no processo. Nessa conversa pautamos os prazos e datas chave, também estabelecemos responsabilidades como por exemplo: ir atrás de materiais, organizar ferramentas, preparar o espaço, pensar na logística de alimentação e nas etapas de execução, tudo para que o trabalho se desdobrasse da melhor maneira nos dias de mutirão.

ETAPA 2 - ATENDER ÀS RESPONSABILIDADES FIRMADAS

Após dividir atribuições na primeira reunião sobre o mutirão cabe para cada parte organizar o que lhe foi atribuído. Por exemplo, para o mutirão da construção do parquinho¹, onde não havia verba alguma, os moradores ficaram responsáveis por conseguir parte dos materiais dos brinquedos (pneus, paletes, madeiras e bambu). Nós da RAU+E fizemos contatos com empresas, lojas e outros grupos para conseguir outros tipos de materiais, além de ajustar e dimensionar o projeto dos brinquedos do parquinho. Para o mutirão da fossa², o almoço do primeiro dia foi comprado com parte da verba do Instituto Goethe e o almoço do segundo dia foi comprado pelo Movimento Sem Teto da Bahia - MSTB, fora uma arrecadação extra com os demais envolvidos e apoiadores do mutirão, como o NÓ(S).

¹ Mais informações sobre o desenvolvimento do parquinho podem ser lidas no caderno: Parquinho: Relato de uma experiência em processo.

² Mais informações sobre o desenvolvimento da fossa podem ser lidas no caderno: Autoconstruindo Saneamento Ecológico.

ETAPA 3 - TRABALHO COLETIVO

Essa etapa compreende os dias de execução do que foi planejado. É importante iniciar essa etapa com uma reunião que relembrasse os acordos estabelecidos acerca dos horários e etapas do mutirão. Durante o trabalho é importante que todos se mantenham atentos às tarefas para evitar acidentes e garantir maior qualidade na sua conclusão. Também é importante lembrar de se hidratar e de fazer registros fotográficos e de vídeos durante o trabalho.

ETAPA 4 - MOMENTOS DE INTEGRAÇÃO

Os momentos de integração não são necessariamente a última etapa, mas sim momentos de descanso e intervalo do trabalho do mutirão. São espaços importantes para fortalecer os vínculos conversando sobre o processo vivenciado e gerando reflexões do processo para a continuidade, isso tudo de forma leve, quando possível acompanhando momentos de alimentação, de música, brincadeira, sendo um espaço também construído coletivamente, no entanto, mais descontraído.

COMENTÁRIOS

O mutirão para a execução da fossa ecológica foi um momento determinante para o desenvolvimento do trabalho, as atividades que sucederam tiveram muito mais adesão e mais interesse dos moradores pela confiança criada durante os dias de trabalho. O mutirão também foi um espaço importante para formação coletiva, dois dos moradores (Nildo e Ednei) ficaram responsáveis por orientar as ações referentes ao assentamento das alvenarias, reboco e selagem da fossa, esse momento foi compartilhado tanto com moradores mais jovens interessados no aprendizado quanto com NÓ(S), da RAU+E, e de outros grupos que estavam trabalhando no mutirão.



FIGURA 7: MUTIRÃO PARA APANHAR O BAMBU.
 FONTE: INSTITUTO GOETHE (2021).



FIGURA 8: KEYLANE NA CONSTRUÇÃO DA FOSSA.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓS(S) (2021).



FIGURA 10: VICTOR.
 FONTE: REPOSITÓRIO
 DE NÓS(S) (2021).



FIGURA 9: MUTIRÃO DA FOSSA ECOLÓGICA
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓS(S) (2021).

REFERÊNCIAS:

NAVARRO, E. A. **Método Moderno de Tupi Antigo**. Terceira edição. São Paulo: Global, 2005. p.422.

FERRO, S. **'Trabalhador coletivo' e autonomia**. In: Vilaça, Í., Constante, P. (Orgs.). (2015). **USINA: Entre o Projeto e o Canteiro**. São Paulo: EDIÇÕES AURORA.

PESQUISA- AÇÃO

DURAÇÃO: CONTÍNUA.

OBJETIVOS

- ORIENTAR AS PRÁTICAS E AS INTERAÇÕES COM OS GRUPOS ENVOLVIDOS.

INTRODUÇÃO

A pesquisa-ação é uma metodologia com origem no campo da psicossociologia americana, onde foi, muitas vezes, associada à vontade de resolver problemas práticos, principalmente, no nível das relações interpessoais (THIOLLENT, 1986). Nesse sentido, o autor também aponta que a utilização da pesquisa-ação é possível quando há simultaneidade entre a pesquisa e a resolução de um problema coletivo (ação), no qual pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Nós reconhecemos que adotamos a Pesquisa-Ação como método, justamente por possibilitar a construção do processo a partir da interação entre pesquisadores e famílias. Nesse sentido, ainda é importante pontuar que nessa metodologia os sujeitos da experiência desenvolvida são, de um lado, os pesquisadores profissionais e, de outro, os grupos populares, não sendo estes últimos meros objetos de pesquisa (SHIMBO; INO, 2005).

Essa metodologia funciona também em diversas escalas, servindo para orientar o processo como um todo, desde a primeira visita até a conclusão das atividades propostas, como também serve para pensar cada atividade isoladamente. Isso se dá, pois a Pesquisa-Ação, segundo Elliot (1997) é um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, onde cada espiral inclui: Diagnóstico; Formular estratégias; Desenvolver e avaliar; Ampliar e compreender; Proceder aos mesmos passos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

ETAPA 1 - DIAGNÓSTICO

Tornar nítido e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver.

ETAPA 2 - FORMULAR ESTRATÉGIAS

Formular estratégias de ação a partir do que se desenvolveu na etapa 1. Por exemplo, no processo de construção da fossa ecológica foi fundamental estabelecer ações anteriores à construção, ações essas que ajudaram a moldar o formato final.

ETAPA 3 - DESENVOLVER E AVALIAR

Desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência. Ao longo das visitas, independente da temática, sempre tomamos nota sobre como seria possível ter mais qualidade nos próximos encontros.

ETAPA 4 - AMPLIAR E COMPREENDER

Ampliar a compreensão da nova situação. Seguindo o exemplo da etapa anterior nós ajustamos horários e formas de chegada e saída da ocupação, mudamos as estratégias de comunicação, utilizamos novas metodologias como o cafezinho, sempre a partir da nossa percepção do processo somada às opiniões dos moradores.

ETAPA 5 - PROCEDER AOS MESMOS PASSOS

Proceder aos mesmos passos para a nova situação prática. Dado o final de cada ciclo, iniciamos um novo partindo novamente da etapa 1.

COMENTÁRIOS

A tomada da Pesquisa-Ação enquanto método se deu muito mais num reconhecimento a partir da prática do que algo estritamente planejado. Ao lermos sobre a Pesquisa-Ação identificamos que muito do que estamos construindo coincidia com a teoria e aproveitamos a coincidência para embasar ainda mais o processo, dando mais segurança ao grupo e oferecendo caminhos em momentos mais delicados e incertos.

REFERÊNCIAS:

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.
 ELLIOT, J. **La investigación-acción en educación**. Tradução de Pablo Manzano. 3. ed. Madrid: Morata, 1997.

FIGURA 11: RASTA NOS APRESENTANDO SEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÔ(S) (2021).



MÉTODO CARTO- GRÁFICO

DURAÇÃO: CONTÍNUA.

OBJETIVOS

- ORIENTAR AS PRÁTICAS E AS INTERAÇÕES COM OS GRUPOS ENVOLVIDOS;
- GUIAR NA CONSTRUÇÃO DE SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS VIVENCIADOS E OBSERVADOS NOS PROCESSOS EM CAMPO.

INTRODUÇÃO

O método cartográfico atravessa a filosofia de Deleuze e Guattari e tem sido utilizado para compreensão e atuação em campo, assim como na sistematização do trabalho desenvolvido. Apostamos na cartografia como meio de realizar uma pesquisa qualitativa intervencionista in-loco, produzindo conhecimento de forma que objetive uma desierarquização dos saberes, ao longo dos processos rizomáticos - ou trabalho em rede - que se dão na ocupação Guerreira Dandara e no MSTB. Este método evidencia a valorização dos processos, utilizando-os também como dados de análise crítica. Diferente do método científico qualitativo tradicional, este é um processo de investigação que se constrói envolvendo ação, conhecimento e transformação, em uma micropolítica que atua em diferentes escalas e que não separa sujeito do objeto - ou faz dos sujeitos objeto - e o pesquisador um não sujeito no território.

A cartografia se mostra além de uma coleta de dados, ela atua na junção de diversas percepções dos atores envolvidos, mirando novas visões e possibilidades não tão endurecidas, mas também sentimentais e subjetivas. Com isso, parte de uma metodologia que não nega o contexto a que se insere, tampouco seu histórico e conexões já existentes, ou seja, soma-se a ela

Pelo conceito de Rizoma (melhor visualizado quando comparado a redes ou teias), o território é trabalhado pela ideia de sistemas de ligação dos atores envolvidos e situações que se inserem. As dinâmicas rizomáticas trabalham como conexões que podem ser ligadas a qualquer ponto de uma rede, assim como desconectadas, ou quebradas, a partir do momento que não faz mais parte daquele processo, em contínuo arranjo e desarranjo. Ela propõe outras linhas e outros modos de tecer compreensões acerca das pessoas e do mundo, mapeando paisagens, mergulhando na geografia dos afetos, dos movimentos e das intensidades (SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 813).

Com isso, esse método é a cartografia dos processos em trânsito investigados, mirando em intervenções e possíveis respostas, mais do que apenas representação gráfica. “A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.73). Para isso, o olhar atento, ou “atenção sensível” (KASTRUP, 2009, p.49) dos pesquisadores/assessores é o ponto primordial de qualquer ação que se envolvam, principalmente o que deseja intervir de forma ativa. “Ao invés de ir a campo atento ao que se propôs procurar, guiado por toda uma estrutura de perguntas e questões prévias, o aprendiz-cartógrafo se lança no campo numa atenção à espreita” (Alvarez & Passos, 2012, p. 143).

O que toca em outro ponto importante das ideologias na filosofia de Deleuze e Guattari: pesquisar é intervir. O pesquisador não é um corpo neutro no território, ele atua e modifica o campo e o espaço, assim como o campo e as relações de afeto o modificam, não existindo pesquisa imparcial, mas um processo de coprodução mútua e simultânea (SOUZA; FRANCISCO, 2016, p 814). Logo, o método aqui discorrido se faz a partir da experiência do pesquisador e pesquisado, da proximidade entre eles e das redes que constroem. Para se trabalhar com esse método, a relação de proximidade é necessária e se acrescenta nas sensibilidades, intensidades e respeito mútuo entre os participantes.

Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial [...] além de observar, o etnógrafo participa, em certa medida, da vida delas, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado pela experiência etnográfica. (Kastrup, 2009, p. 56).

Essa metodologia intervencionista embasa a nossa atuação enquanto assessores presentes no território e se dispõe como princípio para um trabalho de respeito aos sujeitos, intensidade afetiva, propositiva e sistematizadora das investigações resultantes às ações. E como toda pesquisa é intervenção e nenhum corpo é neutro nesse processo, a partir desse método o nosso grupo se posiciona de maneira responsável às resoluções e laços que essa rede se propõe em sua conexão e atuações conjuntas.

FIGURA 12: SELFIE APÓS A ATIVIDADE DO CENSO
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



Como metodologia teórico-prática, o método cartográfico se deu desde a primeira visita dos pesquisadores/assessores à ocupação Guerreira Dandara, na qual aconteceu uma visita guiada pela liderança Sol. Naquele momento iniciaram-se os trabalhos de observação sensível e atenta aos processos do território.

A cartografia não se traduz por um compilado de procedimentos já definidos, ela é uma atitude e resposta dos acontecimentos, a partir das experiências da atuação dos assessores. Ou seja, seu planejamento se constrói a partir das necessidades observadas e cartografadas, embasada no entendimento que tudo é mutável no território. Assim, toda a nossa interação com a comunidade se torna parte do método e um passo pra próxima atividade, sejam nos dias em que foram propostas atividades, como o estudo do mapa da ocupação com os moradores, ou os dias de aproximação e criação de vínculos e afetos, como o dia das crianças, em que fomos para brincar e conversar com as crianças e adultos.

É necessário frisar que nada acontece na ausência de estudos para aplicação: após cada prática, nós nos reunimos para discutir, estudar e programar as futuras proposições, embasados em referências, bibliografias e orientações de professores e conhecedores dos assuntos tratados.

Visto isso, a ação parte da participação de seus integrantes nas dinâmicas políticas existentes e nos processos de disputa territorial, além da análise de como as forças se articulam no processo. Assim a nossa atuação tem se moldado a cada experiência que construímos enquanto formamos laços. Percebemos que, com o desenvolvimento dos afetos e da confiança entre nós e o grupo assessorado, os trabalhos possuem resultados mais aplicados e direcionados aos propósitos do Quilombo e consequentemente do grupo NÓ(S).

FIGURA 13: ALMOÇO NO MUTIRÃO DA FOSSA
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



REFERÊNCIAS:

- ALVAREZ, J., & Passos, E. (2012). **Cartografar é habitar um território existencial**. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 131-149). Porto Alegre: Sulina.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. Pistas do método da Cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**. v. 1. Ed. 34. Rio de Janeiro: Letras. 1980.
- KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa, intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina. 2009
- KASTRUP, V. (2009). **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.32-51.
- SOUZA, Severino Ramos Lima de. & FRANCISCO, Ana Lúcia. **O Método da Cartografia em Pesquisa Qualitativa: Estabelecendo Princípios... Desenhando Caminhos...** . Atas CIAIQ2016. Investigação Qualitativa em Saúde//Investigación Cualitativa en Salud. Volume 2. 2016, p 811 - 820

CARTO- GRAFIA SOCIAL

DURAÇÃO: VARIÁVEL

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- FAPÉIS;
- HIDROCOR - VÁRIAS CORES;
- RÉGUAS;
- FITA CREPE;
- BASE (IMAGENS, CARTOGRAFICA, MENTAL, ETC).

OBJETIVOS

- SANAR DÚVIDAS QUANTO AO TERRITÓRIO POR MEDIAÇÃO DO MAPEAMENTO COLETIVO;
- INICIAR O PROCESSO DE TROCAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PROCESSO DE ASSESSORIA.

INTRODUÇÃO

A Cartografia Social é uma proposta metodológica com base na construção de mapas de forma participativa e coletiva em uma intensa troca de conhecimentos entre moradores e pesquisadores, na qual estes trabalham como mediadores e educadores técnicos. Neste método, os debates sobre ações e conflitos tendem a se acalorar, assim como consensos e diálogos de resolução na ação de mapear. Diferente da cartografia tradicional, o mapa se constitui também por subjetividades e afetos nas relações em rede daquela comunidade, valorizando o conhecimento popular, simbólico e cultural.

[A Cartografia Social] inscreve-se a uma proposta teórica e metodologia de referência dialógica e dialética, que parte do princípio das trocas de olhares entre as produções científica e do princípio da produção social e dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos em seus cotidianos praticados a produção do conhecimento numa perspectiva dialógica. (Silva; Schipper, 2012, p. 26)

Essa metodologia pode ser praticada de diversos modos: com o mapa mental, com limites territoriais, com bases cartográficas (referenciais de ruas, rios, quarteirões, etc), ou com imagens de satélite ou aéreas, que foi o modo utilizado pelo grupo para iniciarmos as atividades de cartografia. Os trabalhos que envolvem a Cartografia Social costumam se utilizar de um conjunto de geotecnologias, como as fotografias aéreas, imagens de satélites, GPS e softwares.

FIGURA 14: CARTOGRAFIA DE REFERÊNCIAS E HABILIDADES.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



Para conseguir informações que fossem suficientes para iniciarmos os trabalhos propositivos e por causa da nossa escolha de fazer com que os processos fossem ao máximo participativos e buscassem uma desierarquização nas relações, decidimos pela Cartografia Social como forma de fomentar discussões e promover elucidações importantes. Com isso, conseguimos sanar dúvidas e incentivar uma maior efervescência à participação coletiva e mobilização nas atividades, contribuindo assim na luta social e territorial da comunidade.

Para mais, reconhecemos a necessidade de organizar sistemas de documentação para as informações geradas como fotos, anotações e redesenho do mapa por meios digitais, para que não houvesse perda de informação. A partir disso, pudemos utilizar as informações coletadas para cruzamento e sistematização de outros dados, tanto para ajudar em um processo jurídico, como mencionado, como nas futuras atividades do nosso grupo ou de grupos que possam vir a trabalhar com a ocupação na RAU+E.

REFERÊNCIAS:

LANDIM NETO, Francisco Otávio; SILVA, Edson Vicente da; COSTA, Nátane Oliveira da. **Cartografia Social instrumento de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo.**

Volume Especial da **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral/CE. v. 18, n. 2, p. 56-70, Set. 2016. Universidade Estadual Vale do Acaraú.

SILVA, C. A.; SCHIPPER, I. **Cartografia da ação social: reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade.** Revista Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 08, n. 1, 2012, p.25-39.

SILVA, C.N.; VERBICARO, C.,2016. **O mapeamento participativo como metodologia de análise do território.** Scientia Plena, 12 (6).



FIGURA 15: CARTOGRAFIA DE REFERÊNCIAS E HABILIDADES. FONTE: INSTITUTO GOETHE (2021).

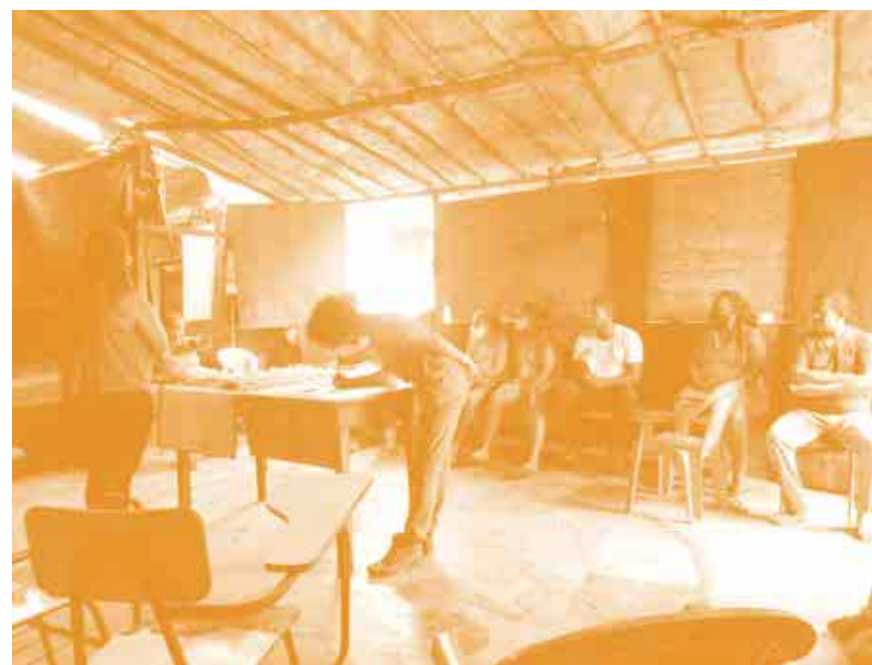


FIGURA 16: CARTOGRAFIAS DO LAZER, USOS E DESEJOS. FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓS(S) (2021).

FIGURA 17: PRODUTOS DAS CARTOGRAFIAS SOCIAIS FEITAS.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).

